

## **Psicodrama de grupo e dependência química: trabalhando projetos profissionais e experiências de lazer**

**Group psychodrama and chemical dependency: working professional  
projects and leisure experiences**

**Katiussa Aparecida Gambin**

Especialista em Psicodrama; Viver Mais Psicologia, Tubarão, SC, Brasil;  
E-mail [katiussagambin@gmail.com](mailto:katiussagambin@gmail.com)

**Viviane Oliveira de Almeida**

Mestre em Teatro; Viver Mais Psicologia, Tubarão, SC, Brasil;  
E-mail [viviane0101@hotmail.com](mailto:viviane0101@hotmail.com)

**Marieli Mezari Vitali**

Especialista em Psicodrama; Viver Mais Psicologia, Tubarão, SC, Brasil;  
E-mail [marielimezari@gmail.com](mailto:marielimezari@gmail.com)

### **Resumo**

O presente estudo teve como objetivo identificar como o psicodrama de grupo auxilia na construção dos projetos profissionais dos dependentes químicos e como contribui para que os dependentes químicos experienciem atividades de lazer. Foi realizado um estudo qualitativo, em formato de pesquisa-ação. No total, foram realizadas 7 sessões de psicodrama de grupo, com 6 usuários de um Centro de Atenção Psicossocial II Álcool e Outras Drogas, contudo, a pesquisa realizou um recorte de análise de duas sessões, que focaram na temática trabalho e lazer. A análise foi guiada pelos preceitos teóricos e epistemológicos do Psicodrama e da literatura sobre dependência química. Com relação ao trabalho, surgiu a dificuldade de manejar o salário e a necessidade de os participantes assumirem uma postura autônoma para a busca dos projetos profissionais. Identificou-se, também, o psicodrama de grupo como ferramenta para o resgate de recursos inatos para compreensão e superação das conservas culturais que limitavam as experiências de lazer. Cabe ressaltar que a questão financeira também surge como um impedimento do lazer, articulada com a dificuldade de ingressar ou permanecer no ambiente ocupacional.

**Descritores:** Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias. Psicodrama. Trabalho. Atividades de Lazer.

### **Abstract**

The present study aimed to identify how group psychodrama helps in the construction of professional projects for drug addicts and how it contributes to addicts to experience leisure activities. A qualitative study was carried out in an action research format. In total, 7 group psychodrama sessions were held, with 6 users of a Psychosocial Care Center II Alcohol and Other Drugs, however, the

research carried out an analysis section of two sessions, which focused on the theme of work and leisure. The analysis was guided by the theoretical and epistemological precepts of Psychodrama and the literature on chemical dependency. With regard to work, there was a difficulty in managing the salary and the need for participants to assume an autonomous posture in the search for professional projects. Group psychodrama was also identified as a tool for rescuing innate resources for understanding and overcoming cultural preserves that limited leisure experiences. It should be noted that the financial issue also arises as an impediment to leisure, articulated with the difficulty of entering or staying in the occupational environment.

**Descriptors:** Substance-Related Disorders. Psychodrama. Work. Leisure Activities.

## 1 Introdução

O indivíduo nasce homem, mas nada lhe é garantido, pois sua história dependerá das relações humanas que sucederão. O sujeito é dotado, até então, de apenas uma condição humana e experimentará a socialização para humanizar-se (Schneider, 2005). Assim, para se pensar sobre o consumo de substâncias psicoativas é necessário localizar-se histórica e culturalmente. A Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas postula que as drogas atendem a requisitos de determinados contextos socioculturais, proporcionam respostas imediatas e intensas de prazer, que modificam a relação do sujeito com o mundo. Contudo, seus efeitos imediatos e provocam a busca por mais doses, influenciando no comportamento da compulsão e até mesmo da dependência (Brasil, 2009).

Nesse contexto, nem todo sujeito que faz uso de substâncias psicoativas é um dependente químico, que se caracteriza por causar prejuízos no cotidiano do indivíduo ou de terceiros. Prejudicando assim, diversos contextos sociais da vida de indivíduos considerados dependentes químicos são afetados, como as relações consigo mesmo, familiares, amorosas e profissionais (Bonadio, 2010).

O estudo de Nimtz et al. (2016) identificou os impactos do uso de drogas nas situações ocupacionais dos usuários, marcando como principais prejuízos funcionais do trabalho na qualidade vida e na situação financeira. Os autores indicam também os prejuízos sociais derivados da dependência química, dentre eles, as experiências de lazer. Dumazedier (1976) concebeu três aspectos principais do lazer, sendo elas o descanso, a recreação/divertimento e o desenvolvimento. No entanto, o lazer em alguns momentos é colocado de

maneira antagônica às obrigações trabalhistas, abrindo espaço para uma ampla gama de possibilidades (Pacheco & Stigger, 2016).

É importante acrescentar que a dependência química carece de um suporte terapêutico voltado não apenas à aquisição, mas também à manutenção da abstinência. Fala-se aqui da reabilitação psicossocial, um suporte que contemple aspectos referentes ao processo de retomada ou inauguração de condições favoráveis a uma inscrição autônoma na vida, como nas esferas do lazer e do trabalho, pois, a abstinência, por si só, não assegura que outros pactos vitais se façam com sucesso. Conforme postula Bonadio (2010), o corpo que se libera da química das drogas dá o primeiro passo no processo de reabilitação psicossocial, contudo, a abstinência não produz “automaticamente” novas formas de se viver e enfrentar as dificuldades relacionadas à vida e a dependência.

O viés da reabilitação psicossocial emergiu inicialmente no campo dos transtornos mentais mais graves, não especificamente no campo da dependência química. A literatura existente sobre estes temas refere-se a uma realidade que nem sempre converge com o que se observa entre os dependentes químicos, que possuem a autonomia mais preservada quando comparados às pessoas com transtornos mentais graves (Bonadio, 2010). Contudo, o modelo psicossocial de saúde da atualidade é coerente, pois com as intervenções que a dependência química carece, provoca a discussão do fenômeno em sua completude: questões orgânicas, psicológicas, sociais, políticas, econômicas, legais e culturais, além de se debruçar sobre as consequências físicas, psíquicas e sociais da dependência química (Pratta & Santos, 2009).

Sob essa ótica, o Psicodrama coloca-se como um saber que vem provocar a saúde, por meio da transformação e ação coletiva. Busca superar as lógicas hegemônicas e higienistas, adentrando na perspectiva do potencial grupal, da criação e do respeito as diferenças: entra a espontaneidade e a conserva cultural (Morin & Hadler, 2013).

A teoria criada e desenvolvida por Jacob Levy Moreno, apesar de popularmente conhecida como Psicodrama, é denominada Socionomia e se

divide em 3 eixos: Sociodinâmica, Sociometria e Sociatria. A Sociodinâmica explora processos grupais, a Sociometria busca compreender quantitativamente os vínculos afetivos entre os indivíduos, e a Sociatria busca tratar os grupos com métodos de ação, com objetivo de identificar, desenvolver e transformar as relações, para tanto, há diferentes métodos, como o psicodrama bipessoal ou grupal. O psicodrama de grupo se caracteriza por trabalhar com um membro do grupo como protagonista, o drama individual é conectado ao drama coletivo e, através da identificação dos membros do grupo com o protagonista, pode ocorrer a catarse, que posteriormente provoca mudanças nos papéis sociais desempenhados (Nery, 2010).

Adentram-se então, à aspectos da teoria psicodramática relevantes para compreender o trabalho desenvolvido com os dependentes químicos. O conceito de espontaneidade (ou fator E) norteia a teoria psicodramática, podendo ser definida como a capacidade de se adaptar de maneira adequada às novas situações ou agir de maneira inédita ou renovadora em situações já conhecidas (Gonçalves, Wolff, & Almeida, 1988). Cabe destacar que a espontaneidade não possui uma reserva permanente, trata-se, na verdade, de um catalisador (Martín, 1996). A espontaneidade, retratada nesta configuração, enaltece não o modo patológico, mas sim o seu oposto: a vitalidade e a oportunidade de crescimento a partir da espontaneidade (Milanello, 2005). Aqui poderia ser sido esmiuçado melhor o psicodrama. Faltou falar que a sessão é dividida em três momentos, suas especificidades e importância. Acho que isso deixaria o trabalho mais claro. Um leigo que nunca leu sobre psicodrama ficaria confuso)

Em contrapartida, têm-se as conservas culturais. Na medida em que a espontaneidade emerge da evolução criativa, a conserva surge devido a insegurança humana e a necessidade de “conservar” velhas respostas. Nesse sentido, surge com duas finalidades: contribuir perante situações ameaçadoras e dar continuidade as heranças culturais, portanto, não é de todo negativa (Martín, 1996). Moreno (1975) afirmava que o homem, por medo do novo, aceita os comportamentos limitados e ditados pela sociedade que desumaniza as relações interpessoais tornando-as automatizadas e direcionadas.

Como já citado, em um contexto mais próximo das relações de vida, o psicodrama grupal possibilita ao sujeito manejar sua intimidade diante de um público. Ainda, conforme Dias (1987), o grupo psicodramático funciona como uma caixa de ressonância: amplifica as emoções presentes no contexto psicoterapêutico. Sendo que essa modalidade de trabalho grupal possui instrumentos específicos para seu desenvolvimento, sendo eles: palco, protagonista/paciente, diretor/terapeuta, ego-auxiliar e o público.

O palco é o espaço em que ocorre a ação dramática, que proporciona ao protagonista um espaço vivencial da realidade (Moreno, 1975). A ação dramática, por sua vez, é liderada/guiada pelo protagonista, aquele que se desnuda no encontro psicodramático, oferecendo seu drama íntimo em prol do grupo (Menegazzo, Tomasini, & Zuretti, 1995). Bustos (2005), corrobora que ao adentrar no papel protagônico, o sujeito entra em contato não somente nas próprias cenas temidas, mas também, nas de outros protagonistas inseridos no grupo.,se tornando assim Um representante legítimo do grupo.

Com palco e protagonistas dispostos cabe ao diretor/terapeuta conduzir a sessão psicodramática. Utilizando suas habilidades, identifica os sinais de sofrimento do grupo para, então, intervir terapeuticamente (Nery & Costa, 2008). É primordial que o diretor seja conhecedor de suas limitações pessoais, para que sua contribuição seja legítima quando falamos da co-criação no contexto psicodramático. O momento dramático também conta com a contribuição de um co-terapeuta, conhecido como ego-auxiliar que vem em benefício do protagonista, uma vez que é ator, auxiliar do protagonista e observador social (Gonçalves et al., 1988), que por meio do desenvolvimento télico, se aproxima do mundo interno do protagonista (Bustos, 2005).

Entretanto, quando o ego-auxiliar não obtiver êxito na compreensão dos personagens ou fantasias do protagonista, torna-se viável promover a inversão de papéis entre ego-auxiliar e protagonista, em que este último representará a imagem que possui dos personagens e fantasias para possibilitar a compreensão do primeiro (Martín, 1996). Por fim, como último elemento, temos o público, que é formado pelos demais participantes da sessão. Vale ressaltar que o grupo

decidi quem será o protagonista, e consequentemente quem é o público. No momento final (faltou abordar antes os dois primeiros momentos, aquecimento e a atuação de maneira mais clara, para então esse conceito ser abordado) (compartilhamento), este mesmo público torna-se protagonista, ao trazer suas vivências internas emergidas durante a sessão (Gonçalves et al., 1988).

As sessões de psicodrama, seja individual ou grupal, se dividem em 3 etapas, sendo elas aquecimento, dramatização e compartilhamento. O aquecimento se divide em inespecífico e específico, o primeiro se refere à preparação do diretor e membros do grupo para o encontro terapêutico, enquanto o segundo é um momento de preparação para a dramatização. O momento da dramatização se refere à vivência do drama, pode-se utilizar técnicas de ação e/ou verbais para resolução de conflitos ou reafirmação da identidade (Nery, 2010). Por fim, o compartilhamento é a etapa em que se expressa os sentimentos percebidos durante a sessão (Nery, 2010) ou o que da história do protagonista despertou de sua própria história (Moreno, Blomkvist, & Rützel, 2001).

Na presente pesquisa, utilizou-se como método o psicodrama de grupo, junto com os elementos e instrumentos supracitados, possibilitando que, na escolha de um protagonista, não apenas este usufrui terapêuticamente da cena dramática; mas também todos os demais membros presentes no contexto da sessão beneficiam-se mutuamente, uma vez que, como sujeitos, consolidam sua existência no meio em que vivem, singularizando-se e homogeneizando-se (Schneider, 2005). Ainda, por colocar em foco a pessoa em sua totalidade, em um contexto sociocultural, insere-se o psicodrama de grupo como proposta terapêutica no processo de reabilitação psicossocial.

Nesse contexto, o presente estudo possui dois objetivos: identificar como o psicodrama de grupo auxilia na construção dos projetos profissionais dos dependentes químicos e como contribui para que os mesmos vivenciem experienciem atividades de lazer de uma maneira mais proveitosa, uma vez que esses dois aspectos, são prejudicados pela dependência química.

## 2 Método

O presente estudo se caracteriza como de natureza qualitativa e em formato de pesquisa-ação. A pesquisa qualitativa consiste em um método comum nas ciências humanas, por se tratar de um campo multifacetado que possibilita realizar estudos aprofundados sobre diversos tópicos (Yin, 2016). Enquanto a pesquisa-ação tem em sua base a interação entre pesquisador(a) e participantes, da qual surgem as problemáticas que serão investigadas. Sendo assim, o Psicodrama se encaixa como um método de pesquisa-ação por possibilitar uma relação pesquisadora-participantes em prol do tema investigado (Nogueira-Martins & Brito, 2009).

Nesse contexto, o Psicodrama de Grupo foi o instrumento adotado e contou com a participação 6 usuários que frequentam o Centro de Atenção Psicossocial II Álcool e Outras Drogas (CAPSad), de um município do Sul de Santa Catarina. Os participantes foram acessados de maneira não probabilística pela primeira autora, psicóloga do serviço, que convidou os usuários. A pesquisa foi realizada com pessoas que estavam, até o momento da pesquisa, em situação de dependência química e em processo de reabilitação psicossocial no CAPSad e que aceitaram participar de 7 sessões de Psicodrama de Grupo, com duração de 1h30 min por usarem do serviço no mesmo lugar acho válido mencionar se eles se conheciam previamente ou não.

O psicodrama de grupo foi utilizado nos moldes da teoria moreniana, seguindo as etapas de uma sessão e instrumentos psicodramáticos. Em Cada um dos 7 encontros trabalhou-se algum aspecto importante do processo da reabilitação psicossocial, apontados pela literatura e pelos usuários do serviço/participantes do estudo. Contudo, a presente pesquisa se afunila em apenas parte da experiência, e sem desmerecer a importância dos outros encontros, foca no quinto e sexto encontro, que trabalharam os projetos profissionais e experiências de lazer, respectivamente. As sessões foram gravadas e, posteriormente, transcritas- Para que se pudesse realizar uma análise dos dados que foi guiada pelos preceitos epistemológicos e teóricos do Psicodrama e pela literatura nacional sobre dependência química.

Inicialmente, obteve-se a aprovação da coordenação do CAPSad para a realização da pesquisa, que foi protocolada junto à Prefeitura Municipal da cidade. Após a aprovação, a pesquisa passou pela avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e obteve a aprovação sob o nº 54455116.6.0000.5490. O estudo seguiu os preceitos éticos requeridos nas pesquisas com seres humanos e a participação na pesquisa esteve condicionada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ainda, cada participante recebeu um nome fictício para as sessões, a fim de garantir o sigilo.

### 3 Análise e discussão dos resultados

#### 3.1 (In) Dependência: trabalhando os projetos profissionais

Como aquecimento (ainda não foi falado que esse é o primeiro momento) inespecífico, os participantes confeccionaram, individualmente, um desenho que representasse o seu momento profissional. Joaquim desenhou uma casa com uma das paredes em construção e comentou: *“Tenho saudade, trabalhava com isso. Dá prazer levantar uma parede, depois rebocar e olhar”*. Ivan desenhou uma praia, com vegetação ao redor, seu comentário foi: *“Meu futuro é isso, eu quero isso. Aposentado, curtindo a natureza, fazendo exercício físico”*. Murilo desenhou uma casa e explicou: *“Meu sonho é ter minha própria casa, ter minha família, ser independente do meu pai. Não aguento mais ele se metendo na minha vida”*. O desenho de Plínio foi alguém correndo atrás de algo, que comenta: *“Tô regularizando minha carteira de trabalho, fazendo curso de informática”*. Por fim, Ricardo desenhou uma família unida e diz *“Quero arrumar um trabalho pra poder ajudar minha família”*.

Os participantes projetaram nos desenhos seus objetivos profissionais e, também, ideais a serem conquistados por meio do trabalho. Os participantes tiveram facilidade para expor os conteúdos e, então, o próprio grupo decidiu ter como protagonista Murilo. O psicodrama grupal tem como vantagem o grau de aquecimento rápido, uma vez que o grupo funciona como uma caixa de ressonância, amplificando as emoções presentes no contexto psicoterapêutico

(Dias, 1987). No momento em que o grupo elege seu protagonista, Murilo conta mais detalhes de seu conflito.

Entende-se, então, que Murilo está residindo na cidade por obrigação, pois, o pai se mudou há alguns meses para a cidade e precisou vir junto. Situação que se articula com o aspecto profissional, detalhado em sua fala: *“Não sei por que meu pai quer me segurar aqui. Não me deixa procurar emprego, diz que eu não sei cuidar do meu dinheiro. Se eu tivesse renda, hoje eu não tava dependendo dele”*.

O psicodrama grupal é uma eficiente modalidade do psicodrama, pois possibilita ao paciente lidar com sua intimidade frente a um público, em um contexto mais próximo das relações de vida. Neste ensejo, Murilo inicia a dramatização escolhendo um ego-auxiliar do grupo para representar seu pai, a diretora solicita que Murilo tome o papel do ego.

Diretora: *“Então Pedro, como estão as coisas entre o senhor e o Murilo? Soube que ele não quer ficar aqui na nova cidade...”*

Murilo no papel do pai: *“Eu não converso muito, não gosto muito de brincadeira. Comigo o negócio tem que ser sério. Se ele voltar pra São Paulo, com aquelas amigadas, vai voltar de novo pra aquela vida... Sempre bêbado. Recebia o pagamento e gastava tudo em bebida e droga. Eu não sou de falar, mas eu chorava por dentro”*.

O ego-auxiliar retoma o papel do pai e devolve as falas a Murilo.

Diretora: *“Como foi ouvir isso do teu pai?”*

Murilo: *“Na verdade ele tá certo. Lá em São Paulo tem um bar perto de casa...”*

Ego-auxiliar no papel do pai: *“Eu vim pra ~~Criúma~~ <sup>Criúma</sup> (ocultou o nome anteriormente, e aqui não) pra te tirar daquela vida, pra te proteger. Na verdade, eu tenho medo do que pode te acontecer... Não sou de falar, mas eu choro por dentro”*.

Murilo: *“Mas o senhor tem que ter mais paciência. Eu sei que a sua criação foi rígida, o meu avô era assim como você. Ele não gostava de*

*brincadeira. O senhor também me batia muito, mas eu sei que violência não leva a nada”.*

Nota-se a existência de uma conserva cultural repassada por gerações: educação rígida, contendo violência e ausência de demonstrações de afeto. Moreno (1975) afirmava que o homem reproduz os comportamentos ditados pela sociedade, desumanizando as relações interpessoais e tornando-as limitadas. Entretanto, Murilo questiona e critica tal postura, almejando romper com este padrão nas suas vivências futuras. Como Martín (1996) reflete, as conservas possuem como função preservar heranças culturais, conservando respostas que em um determinado momento foram espontâneas, sendo assim, Murilo busca ser espontâneo, romper com as conservas passadas pelas gerações de sua família. Em seguida, escolhe um colega do grupo para ser seu avô e inverte de papel com este.

Diretora: *“Seu João, me conta como era ser pai do Pedro?”*

Murilo no papel do avô: *“Era bravo, comigo não tinha brincadeira”.*

Diretora: *“E se seu filho, o Pedro, tivesse se envolvido com drogas, o que você faria?”*

Murilo no papel do avô: *“Ave Maria! Eu tinha matado ele!”*

Diretora: *“O senhor não o colocaria numa clínica para reabilitação ou o levaria para uma cidade mais calma?”*

Murilo no papel do avô: *“Nem pensar!”*

Murilo retorna ao seu papel e o ego-auxiliar repete as falas do avô. Ao que Murilo fica em silêncio e chora. Então a diretora solicita que dê voz ao seu pensamento. Ao que Murilo fala: *“Meu pai conta que meu avô batia muito nele, não tinha essa de querer cuidar, proteger. Eu sei que meu pai tá tentando fazer o bem pra mim. Às vezes ele me irrita, mas é o jeito dele”.*

A técnica do solilóquio, ou dar voz ao pensamento, foi utilizada para que Murilo tivesse a oportunidade de tomar distância e refletir sobre a sua forma de relacionamento, do outro, neste caso, pai e avô, e sobre sua relação com o pai. Fonseca Filho (1980) concebe o solilóquio como uma “conversa consigo mesmo”. Para Cukier (1992) seria como ter um “alto falante” na cabeça,

externalizando aquilo que está interno. A diretora então questiona se o protagonista gostaria de dizer algo a esse pai e a esse avô.

Murilo para o avô: *“Você batia demais no meu pai, mas foi um bom avô, foi você quem me deu a minha primeira bicicleta”*. Então o avô sai de cena.

Murilo para o pai: *“Eu sei que o senhor foi um pai um pouco melhor que o seu. Tá cansado disso já, eu também estou cansado. Não sabe mais o que fazer pra me ajudar. Quando eu arrumar um serviço, até eu me habituar a lidar com o pagamento eu vou pedir sua ajuda. Eu sei que não tenho controle. Eu tô me esforçando e vou me esforçar ainda mais. O lugar não é ruim, eu é que tenho que me acostumar. Posso arrumar uma mulher e casar, é tudo que eu quero”*.

Diretora: *“Assim como no seu desenho?”*

Murilo: *“Isso. Quem sabe um dia eu volte pra São Paulo, mas posso começar a realizar meu sonho aqui”*.

Acerca dos conflitos na relação com a figura paterna, Murilo desenvolveu sua capacidade télica, sendo esta a capacidade de identificar, de maneira objetiva, o que ocorre nas situações e nas relações (Gonçalves et al., 1988). A tele, segundo Martín (1996), pode ser dirigida a si mesmo, formando uma imagem do sujeito para ele mesmo, mas também perceber a imagem que os outros fazem dele, estabelecendo, portanto, uma relação-tele ou auto-tele. Ao inverter os papéis com os personagens de sua história, obteve uma percepção real do que acontece no aqui-agora, ou seja, compreendeu que as motivações das ações do pai baseiam-se em assegurar o seu bem-estar e não de causar-lhe sofrimento. As autoras ainda acrescentam que aqueles sujeitos que desenvolvem relações télicas, inegavelmente, firmarão relacionamentos saudáveis: transformadores e marcantes.

Murilo, ao término da cena, manifesta-se como um sujeito mais ativo da sua história. De fato, um protagonista. Segundo Saraceno (2001), é possível que o indivíduo com restrições decorrentes da dependência química restaure, no melhor nível possível, sua autonomia. Queixava-se, a princípio, da dependência paterna e da dificuldade em ser independente. Entretanto, Murilo percebeu que,

embora com limitações, como a dificuldade em manusear dinheiro em virtude da compulsão pela substância, pode encontrar a sua forma de agir no mundo.

O que o protagonista constrói no palco psicodramático, perpassa aos que testemunham sua construção. A “plateia” do psicodrama de grupo não assiste à dramatização, na verdade, “vivencia-se de forma cúmplice o que cada um nos toca” (Silva, 2009, p. 148). Assim sendo, a cena foi terapêutica para todos os participantes, que no momento do compartilhamento abordaram aspectos sobre a importância do planejamento para obter resultados, as preocupações em administrar dinheiro e a lembrança da postura paterna como modelo de seriedade e cuidado.

O psicodrama de grupo, neste encontro, possibilitou aos participantes o desenvolvimento da capacidade espontânea, criativa e, fundamentalmente, télica. Não bastando, por meio de tais capacidades, beneficiou a construção de uma postura autônoma na busca pelos projetos profissionais e de vida dos participantes, sendo a autonomia uma importante base da reabilitação psicossocial de sujeitos com dependência química (Saraceno, 2001).

### **3.2 Livre, leve, solto: trabalhando as experiências de lazer**

Nessa sessão, a diretora iniciou falando sobre o tema que seria abordado: experiências de lazer praticadas ou não. Seguindo, orientou os participantes a realizar um relaxamento, pedindo que posicionassem de modo a ficarem confortáveis. Feito o relaxamento, a diretora introduziu consignas/questionamentos para estimular a reflexão acerca do tema já mencionado: pensar nas atividades de lazer que faz, fazia ou gostaria de fazer; o que lhe dá prazer hoje? O que lhe traz bem-estar? Você pratica atividades prazerosas? Se não, o que lhe impede de realizar?

Após o aquecimento inespecífico, o grupo trouxe os seguintes comentários: “*Eu gostava muito de pescar, mas até isso envolvia a bebida. Hoje estou mais em casa pela situação financeira. Estagnado*” (Murilo); “*A situação financeira atrapalha. Mas, eu vivo o momento, só que às vezes acabo me metendo em confusão*” (Ivan); “*Sinto falta de lazer, diversão... No momento não*

*tô fazendo nada. As pessoas que eu conheço usam, então...*” (Murilo); *“Fico mais por casa, com a família. Parece que não tem muita opção”* (Joaquim), e *“Sem dinheiro fica complicado. Não penso em nada como alternativa”* (Ricardo).

O grupo apresentou relevante limitação em experienciar atividades de lazer, utilizando como justificativas as questões financeiras e a falta de opções de lazer que não envolvam substâncias psicoativas. Trata-se de um aspecto característico do público adicto; o próprio Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (American Psychiatric Association, 2014) postula que atividades sociais, profissionais e de recreação são abandonadas ou reduzidas por conta do uso de substâncias.

Nesta sessão, Plínio foi eleito a protagonizar. No aquecimento específico Plínio relata: *“Tô aqui no CAPS há um ano já. Desde que iniciei o tratamento, tive que abandonar os hábitos antigos. Moro sozinho e a solidão dói. Há pouco tempo comecei a frequentar a igreja, mas só”*. Relata ainda que se sente estagnado com relação a isso.

No momento da dramatização, a diretora solicitou a Plínio que escolhesse alguém para representar a sua estagnação. Depois, disse ao protagonista que assumisse o papel da estagnação e questiona: *“Estagnação, o que Você faz com o Plínio?”*

Plínio no papel da estagnação: *“Eu faço ele ficar parado, no mesmo lugar, eu seguro ele”*.

Diretora: *“Pode me mostrar como você o segura?”*

Plínio, ainda no papel da estagnação, posiciona-se atrás do ego-auxiliar e segura seus braços.

Diretora: *“Estagnação, você o segura o Plínio para impedir que ele faça alguma coisa?”*

Plínio no papel da estagnação: *“Sim, ele não pode voltar a beber, a fazer os fiascos como fazia quando bebia”*.

A diretora fez uso da técnica da concretização, a qual trata-se da apresentação de objetos inanimados, representações abstratas, emoções,

conflitos, angústias, partes do corpo, doenças orgânicas e psicossomáticas, por meio de imagens, da fala ou do movimento que é feito pelo próprio protagonista ou por um ego-auxiliar (Gonçalves, Wolff, & Almeida, 1988). Por meio da concretização, Plínio mostrou concretamente a função da estagnação na sua vida. Tornou-se claro que o protagonista se estagna como um mecanismo de defesa, de proteção às situações amedrontadoras do seu passado: voltar ao uso e, por meio disso, expor-se a experiências constrangedoras. A diretora solicita que Plínio volte ao seu papel e que o ego-auxiliar assuma o papel da estagnação, refazendo a cena acima descrita.

Ego-auxiliar estagnação: *“Eu tô aqui te segurando pra que tu não voltes para os bares beber e fazer fiasco como antes. Fica aqui, parado”*.

Diretora: *“Como é pra você, Plínio, ouvir isso?”*

Plínio: *“Eu não tô feliz, queria recuperar minha alegria, me soltar, voltar ao que eu era, mas livre do álcool”*.

Diretora, em duplo: *“Eu sinto falta de ser solto e alegre como eu era quando bebia”*.

Plínio consente com um gesto, movimentando a cabeça para cima e para baixo. Neste momento, foi utilizada técnica do duplo com a finalidade de tornar consciente a Plínio a nostalgia do bem-estar da época em que fazia uso de álcool. O duplo consiste em uma tentativa do psicodramatista em traduzir e expressar as necessidades que o paciente não consegue verbalizar a partir do que percebe nas sessões (Nery, 2010). Conforme Cukier (1992), esta técnica propicia que o protagonista entre em contato com as emoções, sentimentos e/ou pensamentos não verbalizados e, às vezes, até não conscientes.

Plínio: *“É difícil pra mim me imaginar em situações de lazer e diversão sem estar sob efeito. Foram anos fazendo dessa forma”*.

A diretora solicita que Plínio inverta de papel com a estagnação.

Diretora: *“Estagnação, o que o Plínio poderia fazer pra você soltá-lo?”*

Plínio no papel da estagnação: *“Ah, ele teria que começar a sair, fazer novas amizades, aceitar os convites que a família faz pra ele”*.

Plínio volta ao seu papel e o ego-auxiliar reproduz as falas.

Diretora: “*Plínio, você acha que é capaz de fazer isso?*”

Plínio: “*Tudo isso não, mas acho que posso começar me socializando mais com a minha família. Eles me convidam, mas eu nunca vou. E eu sei que lá, com eles, não vai ter bebida, eles vão me ajudar*”.

Diretora: “*Entendo, é difícil. Como você gostaria de finalizar esta cena?*”

Plínio: “*Ele (referindo-se ao ego no papel da estagnação) pode soltar um braço, segura só um*”.

Identifica-se que Plínio, no processo de tratamento para dependência química do álcool, teve como resposta criativa, a priori, o afastamento de ambientes que o tornavam vulnerável ao uso. Esta resposta, posteriormente, transformou-se em estagnação. Pode-se concluir que aquilo que, em um primeiro momento, foi um ato espontâneo, transformou-se em uma conserva cultural: a estagnação. Exigindo, então, uma nova resposta espontânea: a construção de hábitos de lazer saudáveis.

Uma conserva cultural poderá promover um novo processo de espontaneidade criadora, que gerará um novo produto que, por sua vez, novamente constituirá uma conserva cultural, e assim sucessivamente. Essa soma de conservas formam um fluxo que garante a sobrevivência dos sujeitos (Menegazzo et al., 1995).

Indubitavelmente, a conserva própria do protagonista serviu à sua sobrevivência necessária ao ingresso no tratamento: manter-se estagnado a fim de evitar a recaída. Todavia, posteriormente, a abstinência decorrente de um ano de tratamento não bastou e novas necessidades emergiram exigindo de Plínio respostas inovadoras e adequadas. Obviamente, a desintoxicação química da droga é substancial para um primeiro passo na reabilitação psicossocial, entretanto, somente a abstinência não é capaz de produzir formas novas e criativas de viver e enfrentar as dificuldades derivadas da dependência química ou da vida em geral (Bonadio, 2010).

Entende-se que principalmente no início do tratamento as crenças são rígidas, os comportamentos e hábitos patológicos configuram-se como uma

necessidade, mantendo o indivíduo em um terreno conhecido. A tarefa de criar novas formas de agir no mundo é árdua e é neste paradoxo que reside o desafio: é necessário criar novas normas que sejam compatíveis com esse novo momento da vida, mas sem a mediação da substância psicoativa. Muitas vezes a rigidez e o radicalismo são os únicos recursos disponíveis e conhecidos ao sujeito para esta tarefa (Bonadio, 2010).

Terminada a sessão, na etapa do compartilhamento e dos comentários, a platéia passa a desempenhar parte fundamental da sessão, mostrando seu compromisso ativo com o que foi dramatizado (Menegazzo et al., 1995). Os participantes trouxeram aspectos como a dificuldade em criar hábitos novos e saudáveis, a irrelevância de permanecer isolado privando-se do lazer e, também, preferências particulares que causam prazer e bem-estar.

Torna-se visível que, para o dependente químico, considerando suas limitações, é dificultoso encontrar novas formas de entretenimento para o novo contexto enfrentado. Não se trata de retomar o padrão de saúde de outrora, pois, *“a vida não conhece a reversibilidade. No entanto, apesar de não admitir restabelecimentos, a vida admite reparações”* (Canguilhem, 2009, p. 77).

Neste encontro, o psicodrama de grupo contribuiu para a identificação e compreensão das conservas culturais que limitam o potencial criativo dos sujeitos dependentes químicos na busca de experiências de lazer. Houve, pois, o resgate daqueles recursos inatos, a espontaneidade, criatividade e sensibilidade, a fim de dar sustentação à reabilitação psicossocial.

O tema proposto e trabalhado nas sessões sobre trabalho e lazer insere o psicodrama de grupo como uma possibilidade enriquecedora no manejo e aplicabilidade da reabilitação psicossocial dos sujeitos dependentes químicos, conforme identificado nos resultados do estudo. Segundo Saraceno (2001), a reabilitação psicossocial permite ao indivíduo com limitações a restauração no melhor nível possível de autonomia de suas funções na comunidade. Sendo assim, reabilitação psicossocial e dependência química entrelaçam-se de modo a promover entendimento e intervenção coerentes e de qualidade aos sujeitos que dela necessitam.

O psicodrama de grupo, enfim, apresenta-se como método de intervenção psicoterapêutica na reabilitação psicossocial, dispondo, para tanto, de diversificados e criativos instrumentos e técnicas. Essa modalidade contribuiu para que os sujeitos da pesquisa desenvolvessem seu potencial espontâneo/criativo, télico e, acima de tudo, que se percebessem como sujeitos protagonistas de suas vidas – com todas as limitações que isso pressupõe.

#### 4 Considerações finais

O presente estudo teve o objetivo de identificar como o psicodrama de grupo auxilia na construção dos projetos profissionais de dependentes químicos e como contribui para que os mesmos experienciem atividades de lazer de forma mais proveitosa. Sendo assim, o psicodrama de grupo acerca dos projetos profissionais possibilitou, por meio da capacidade espontânea, criativa e télica, o desenvolvimento de uma postura autônoma na busca pelos projetos profissionais e de vida. Bem como, possibilitou o reconhecimento dos entraves decorrentes da independência profissional e financeira, considerando as adaptações necessárias impostas pela dependência química.

Acerca das experiências de lazer, o psicodrama de grupo auxiliou na identificação e compreensão das conservas culturais que limitam o potencial criativo dos sujeitos dependentes químicos na busca de experiências de lazer. Houve, portanto, o resgate dos recursos inatos espontaneidade, criatividade e sensibilidade, a fim de dar sustentação ao tratamento. Cabe ressaltar a conexão entre experiências de trabalho e lazer, afinal, a dificuldade de estar ou permanecer no mundo ocupacional possui como consequência dificuldades financeiras que, por sua vez, prejudicam as experiências de lazer. Visto que alguns participantes indicam a dificuldade de reestabelecer essas experiências, pois antes estavam associadas ao consumo de substâncias psicoativas, enquanto outros indicam a ausência de dinheiro.

Posto isso, cabe ressaltar que a temática da reabilitação psicossocial é pertinente à dependência de substâncias psicoativas, o psicodrama de grupo, também. Pode-se afirmar que o último se apresenta como uma ferramenta de

intervenção que pode facilitar a ocorrência da reabilitação psicossocial. Os participantes da pesquisa, por meio do olhar e ação moreniano, tiveram a oportunidade de, inclusos e relacionando-se em um grupo, protagonizar a sua existência e experienciar-se nas suas diversas facetas. Sugere-se a realização de mais pesquisas sobre a temática, afim de investigar as potencialidades do psicodrama de grupo no processo de reabilitação psicossocial em outros contextos.

## Referências

- American Psychiatric Association. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (5a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Bonadio, A. N. (2010). *O processo de reabilitação psicossocial de dependentes químicos: estudo qualitativo em uma residência terapêutica* (Tese de Doutorado em Ciências). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
- Brasil. (2009). Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas. *Relatório Brasileiro sobre Drogas*. Brasília: SENAD.
- Bustos, D. (2005). *O Psicodrama: Aplicações da Técnica Psicodramática* (3a ed.). São Paulo: Ágora.
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico* (6a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Cukier, R. (1992). *Psicodrama bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente*. São Paulo: Ágora.
- Dias, V. R. C. S. (1987). *Psicodrama: teoria e prática* (3a ed.). São Paulo: Ágora.
- Dumazedier, J. (1976). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.
- Fonseca Filho, J. (1980). *Psicodrama da loucura: Correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Ágora.
- Gonçalves, C. S., Wolff, J. R., & Almeida, W. C. (1988). *Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. São Paulo: Ágora.
- Martín, E. G. (1996). *Psicologia do encontro: J. L. Moreno*. São Paulo: Ágora.

- Menegazzo, C. M., Tomasini, M. A., & Zuretti, M. M. (1995). *Dicionário de Psicodrama e Sociodrama*. São Paulo: Ágora.
- Milanello, M. (2005). *Moreno e Winnicott: aproximações*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Morin, P. V., & Hadler, O. H. (2013). Mosaico de vidas: reflexões sobre sociopsicodramas na saúde coletiva. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21(1), 55-66. Recuperado em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-53932013000100005&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-53932013000100005&script=sci_abstract)
- Nery, M. P., & Costa, L. F. (2008). A pesquisa em psicologia clínica: do indivíduo ao grupo. *Estudos de Psicologia*, 25(2), 241-250. Recuperado em <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n2/a09v25n2.pdf>
- Nimtzt, M. A. Tavares, A. M. F., Maftum, M. A., Ferreira, A. C. Z., & Capistrano, F. C. (2016). Impactos legais e no trabalho na vida do dependente químico. *Revista Eletrônica Saúde Mental Alcool e Drogas*, 12(2), 68-74. Recuperado em <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/120766>
- Nogueira-Martins, M. C. F., & Brito, V. C. A. (2009). Psicodrama e pesquisa. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17(2), 143-155. Recuperado em <http://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/download/119/106>
- Pacheco, A. C., & Stigger, M. P. (2016). “É lazer, tudo bem, mas é sério”: notas sobre lazer a partir do cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. *Movimento*, 22(1), 129-142. Recuperado em <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/52205>
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2009). O Processo Saúde-Doença e a Dependência Química: Interfaces e Evolução. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 203-211. Recuperado em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n2/a08v25n2.pdf>

- Saraceno, B. (2001). *Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia.
- Schneider, D. R. (2005). Dialogando com o existencialismo. *Revista Psicologia Brasil*, (3), 19-26.
- Silva, M. S. (2009). Caminhando entre a fantasia e a realidade: A psicoterapia Moreniana. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 15(1), 143-147.
- Yin, R. K. (2016). *Pesquisa Qualitativa do Início ao Fim*. Porto Alegre: Penso.

Aceito em: 10/12/2020

Enviado em: 10/12/2020